

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2010

VOLUME I

**FICHA PARA CATÁLOGO
PRODUÇÃO DIDÁTICO PEDAGÓGICA**

<i>Título: Leitura e Literatura no Ensino Médio</i>	
<i>Autor</i>	<i>João Carlos de Oliveira</i>
<i>Escola de Atuação</i>	<i>Col. Est. Papa João III. Ensino Médio</i>
<i>Município da escola</i>	<i>Alto Piquiri</i>
<i>Núcleo Regional de Educação</i>	<i>Umuarama</i>
<i>Orientador</i>	<i>Profº Fábio Lucas Pierine</i>
<i>Instituição de Ensino Superior</i>	<i>UEM</i>
<i>Disciplina/Área</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
<i>Produção Didático-pedagógica</i>	<i>Unidade Didática</i>
<i>Relação Interdisciplinar</i>	<i>Arte, História, Filosofia, Sociologia</i>
<i>Público Alvo</i>	<i>Alunos de 2º e 3º ano do Ensino Médio.</i>
<i>Localização</i>	<i>Col. Est. Papa João III. Ensino Médio.</i>
<i>Apresentação:</i>	<p>Desde o dia em que pisei em uma sala de aula, sempre primei pela leitura na aula, de preferência o ensino de literatura, seja no ensino fundamental ou no ensino médio. Ao passar dos anos com minha experiência, fiz diversas manifestações para que meu aluno adquirisse o gosto pela leitura, buscando isso sempre no ensino da literatura, bem como na análise de diversidades de gêneros. E isto revelou, por parte dos alunos, dificuldades de aprendizagem que precisavam de melhor delineamento e sistematização a fim de poderem ser corrigidas a partir de atitudes e métodos que despertassem ou aumentassem o gosto e o interesse pela leitura e fruição poética.</p> <p>De fato, essas dificuldades de leitura, de interpretação e de composição são visíveis, por exemplo: a pluralidade de significados que uma leitura pode apresentar, de acordo com o estilo, o contexto de produção, o tema abordado, exigindo do aluno esforço para identificar os recursos linguísticos e técnicos, as sugestões temáticas secundárias, são fatores que, no caso da composição, da criatividade, se transformam por muitas vezes em força inibidora.</p> <p>Por isso, diante dessa realidade, verifica-se que é possível fazer um questionamento e levantar algumas possibilidades para resolver o problema. Como fazer diante dessas dificuldades, criar subsídio através de projeto como um todo e também oportunizar ao professor uma reciclagem que incentive a participação total nas leituras torne um conhecimento mais amplo e irrestrito do nosso professor e que possa dinamizar o estudo da literatura e leitura, bem como os tipos de contos que mais agrada aos alunos e procurar propiciar acesso a conhecimentos novos, além de reforçar os antigos conhecimentos que nós professores temos e devemos apresentar aos nossos alunos, bem como, dizem a muito tempo : “quem conta um conto ganha um ponto”, equivocadamente passa por muito tempo, “que quem conta um conto ganha uma enorme experiência de leitura e literatura para o seu bel-prazer”, diante de seus conhecimentos e que pode apresentar para que possamos elevar os níveis de conhecimentos de nosso alunos e que eles possam concorrer com os demais alunos de escola da classe da elite e tenham o mesmo direito de concorrer aos nossos vestibulares da universidades públicas.</p>
<i>Palavras - chave</i>	<i>Método Recepcional; conto; alunos; leitura; literatura</i>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

LEITURA E LITERATURA EM SALA DO ENSINO MÉDIO – GÊNERO CONTO

MARINGÁ – PR

2011

JOÃO CARLOS DE OLIVEIRA

UNIDADE DIDÁTICA

Projeto Apresentado ao Programa de
Desenvolvimento Educacional - PDE da
Secretaria e Estado da Educação do
Estado do Paraná Área de
concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Ms.. Fabio Lucas Pierini

MARINGÁ – PR

2011

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	5
2	CONTEÚDO	8
3	AVALIAÇÃO OU ACOMPANHAMENTO	8
4	RESULTADOS ESPERADOS	9
5	RECURSOS UTILIZADOS	9
6	CRONOGRAMA	9
7	ATIVIDADES	10
	ATIVIDADES DO PROJETO PDE	10
	TEMA: CONTO FANTÁSTICO	10
	“O medico fantasma”	13
	Conto - RECADO DE FANTASMA.....	16
	O sapateiro e a força maligna	22
	ATENA E ARACNE DESCONHEÇO O AUTOR MITOS DA GRECIA E ROMA MITOLOGIA E FOLCLORE	32
	REFERÊNCIAS	36

1 APRESENTAÇÃO

Desde o dia em que pisei em uma sala de aula, sempre primei pela leitura na aula, de preferência o ensino de literatura, seja no ensino fundamental ou no ensino médio. Ao passar dos anos com minha experiência, fiz diversas manifestações para que meu aluno adquirisse o gosto pela leitura, buscando isso sempre no ensino da literatura, bem como na análise de diversidades de gêneros. E isto revelou, por parte dos alunos, dificuldades de aprendizagem que precisavam de melhor delineamento e sistematização a fim de poderem ser corrigidas a partir de atitudes e métodos que despertassem ou aumentassem o gosto e o interesse pela leitura e fruição poética.

De fato, essas dificuldades de leitura, de interpretação e de composição são visíveis, por exemplo: a pluralidade de significados que uma leitura pode apresentar, de acordo com o estilo, o contexto de produção, o tema abordado, exigindo do aluno esforço para identificar os recursos linguísticos e técnicos, as sugestões temáticas secundárias, são fatores que, no caso da composição, da criatividade, se transformam por muitas vezes em força inibidora.

Por isso, diante dessa realidade, verifica-se que é possível fazer um questionamento e levantar algumas possibilidades para resolver o problema. Como fazer diante dessas dificuldades, criar subsídio através de projeto como um todo e também oportunizar ao professor uma reciclagem que incentive a participação total nas

leituras torne um conhecimento mais amplo e irrestrito do nosso professor e que possa dinamizar o estudo da literatura e leitura, bem como os tipos de contos que mais agrada aos alunos e procurar propiciar acesso a conhecimentos novos, além de reforçar os antigos conhecimentos que nós professores temos e devemos apresentar aos nossos alunos, bem como, dizem a muito tempo : “quem conta um conto ganha um ponto”, equivocadamente passa por muito tempo, “que quem conta um conto ganha uma enorme experiência de leitura e literatura para o seu bel-prazer”, diante de seus conhecimentos e que pode apresentar para que possamos elevar os níveis de conhecimentos de nosso alunos e que eles possam concorrer com os demais alunos de escola da classe da elite e tenham o mesmo direito de concorrer aos nossos vestibulares da universidades públicas.

No anseio de formar leitores este projeto vem ao encontro das Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Médio (2008). (DCEs) pag 71. Como podemos observar a citação de Lajolo que diz:

“Somente na leitura aprofundada, em que o aluno é capaz de enxergar os implícitos, permite que ele depreenda as reais intenções que cada texto traz. Sabemos das pressões uniformizadoras, em geral voltadas para o consumo ou para não reflexão sobre o problema estético ou social, exercido pelas mídias. Essa pressão deve ser explicitada a partir de estratégias de leitura que possibilitem ao aluno “percepção e reconhecimento” – mesmo que inconscientemente – dos elementos de linguagem que o texto manipula “(LAJOLO, 2001, p. 45)

Apoiado no método recepcional, aquele que, até na seleção de textos, considera o horizonte de expectativa do aluno, podemos criar condições para que o leitor jovem se aproxime mais do texto poético “conto”, interaja mais com ele, estabeleça relações mais intensas (de compreensão melhor) com a linguagem e o assunto, atitude suscetível de levar esse aluno a vivenciar na leitura, dentre outras coisas, circunstâncias também pessoais, que, ao final, busca conectar com os semelhantes.

Compete ao professor, nesse sentido, oferecer contribuição para uma melhor leitura, desenvolver estratégias que levem o aluno a descobrir-se e/ou descobrir o próximo, na leitura de um texto.

Segundo orientações do método recepcional, que o “conto” ou literatura de qualquer gênero leva em conta: a faixa etária do aluno, o nível sócio cultural do aluno por isso, 2º ano e 3º ano do ensino médio é o momento de começar a explorar a literatura através do conto ideal, para começar a trabalhar e chegar a uma conclusão; o aluno quer e, por isso, antevê no seu o horizonte de expectativa, entre outras coisas, condições para aguçar o mágico e o lúdico. Para desenvolver seu interesse pela leitura e aproximá-lo dos clássicos, a maioria deles com tem um patamar de conhecimento distanciado. Podemos oportunizá-lo, portanto, levar avante este projeto que pode contribuir, até em termos metodológicos, para promover melhor interesse do aluno pela leitura e literatura (contos), ou de qualquer tipo de textos.

2 CONTEÚDO

1. Questionário de sondagem;
2. Conto - O Médico fantasma
3. Conto recado de fantasma
4. Conto – O sapateiro e a força maligna
5. Conto Atena e Aracne

3 AVALIAÇÃO OU ACOMPANHAMENTO

A avaliação dar-se-á no decorrer de todo o processo ao longo de cada aula, formativa, certificativa, diagnóstica e todas as atividades desenvolvidas ao longo do processo.

Os alunos serão avaliados na participação das atividades desenvolvidas, avaliação do aluno, em contraturno, na interpretação de textos, manuseio com livros, Internet e a participação dos alunos envolvidos e na troca de experiência, com debate oral em sala de aula, durante discussões promovidas.

4 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que com este trabalho pedagógico que o aluno saiba ler e interpretar textos dentre eles, os contos que aguçam o mágico e o lúdico, promovendo o conhecimento da pluralidade de significados que um conto pode assumir de acordo com o contexto e, ao mesmo tempo, identificar os “recursos linguísticos” para se dar bem com o resultado obtido da leitura.

5 RECURSOS UTILIZADOS

Para o desenvolvimento das atividades elaboradas abaixo, será necessário contos, livros, TV multimídia, vídeo, laboratório de informática, internet, pendrive, textos digitado ou fotocopiado.

6 CRONOGRAMA

Esta unidade didática será desenvolvida no segundo semestre letivo de 2011, no Colégio Estadual Papa João XXIII- Ensino Médio com os alunos do 2ª e 3ª série .

7 ATIVIDADES

ATIVIDADES DO PROJETO PDE

TEMA: CONTO FANTÁSTICO

1 ATIVIDADE – questionário de sondagem

Objetivo

Verificar o conhecimento do aluno quanto ao conhecimento prévio sobre leitura e literatura por meio do trabalho com contos fantásticos.

METODOLOGIA: Aplicar leitura e verificar seu conhecimento de conto.

Será feita uma leitura de Conto para averiguar o conhecimento dos alunos sobre o gênero, com questionamento oral;

Carga horária: 02 aulas

Determinação do horizonte de expectativas:

Será realizado um questionário para verificar o nível de conhecimento sobre conto. Nesse primeiro momento é feita a sondagem e o conhecimento para determinar os horizontes de expectativas dos alunos em relação ao conhecimento prévio sobre o conto para tal será questionado e observado quais são as expectativas que os alunos sabem sobre contos.

- a) Você se lembra de algum livro que leu no período de escola de 2ª e 3ª séries? O que mais marcou para você este livro?
- b) Você tem o hábito de ler contos?
- c) Se já leu lembra de algum? Comente.
- d) Gosta de conto? Que tipo: mistério, amor, humor,terror, medo, de fadas, etc.?
- e) Como é o ambiente mais agradável para leitura? Na escola ou em casa? Por quê?

Carga Horária 02 aulas

2 Atendimento do horizonte de expectativas:

Após analisarmos as expectativas que os alunos têm quanto ao gênero textual, é feita a escolha de alguns textos para darmos a partida do nosso trabalho. Nos textos selecionados será observado à linguagem e a

mensagem que ele traz. Foram escolhidos os temas “amor” “paixão” “sonhos” “desilusão” “traição” “fantástico” que serão os elementos direcionados nos textos para as atividades por estarem familiarizados aos adolescentes entre 15 a 16 anos, pois fazem parte de seu contexto vivencial.

TEMA: CONTO

2. ATIVIDADE – CONTO (O medico fantasma)

Objetivo - Conhecer o conto através da leitura.

Estratégia: Ouvir o conto e fazer análise oral.

Carga horária: 04 HORAS

Atividades do primeiro momento:

Iniciamos com a leitura do conto “**O medico fantasma**”
História do Folclore Brasileiro, Lá vem História outra vez.
São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997, p. 66-67

“O medico fantasma”

Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão. Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

– Você acredita em fantasma? – perguntou o mais novo.

– Eu não! – disse o outro.

– Acredita sim! – insistiu o mais novo.

– Pode apostar que não – replicou o outro.

– Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

– Ah, é? – disse o garoto que fora desafiado. – Pois então vamos já para o cemitério, que eu vou provar minha coragem.

Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro... Eles começaram a sentir medo.

Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer caretas para o amigo. Depois se encostou no portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que ela estava presa.

Ilustração



— Socorro! Alguém me ajude! — ele gritou, desmaiando em seguida.

Nisso, apareceu um velhinho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

— Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho, pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

O garoto reparou que o velhinho era muito magro, quase transparente.

— Obrigado. Como é que o senhor se chama?

— Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou no mesmo instante.

— Vão para casa meus filhos — ele disse. — Já passou da hora de dormir.

No dia seguinte, os meninos foram procurar o velhinho para agradecer-lhe a ajuda. Mas não o encontraram, nem no cemitério, nem em lugar nenhum. E foi assim que ambos perderam o medo de fantasma, quando perceberam que nem todos os seres misteriosos fazem o mal. Pelo contrário, podem até ajudar. Como aquele médico, que nunca mais apareceu.



(História do folclore brasileiro)

INTERPRETANDO O TEXTO

- 1) O médico fantasma é uma história sobre medo, um “Conto de assombração”. Descreva o momento mais assustador da história. Você teria coragem de ir ao cemitério à meia noite? Por quê?

- 2) Você ficou com medo? Por quê?

- 3) Como os meninos perceberam que o velhinho era um fantasma?

- 4) Por que será que o desafio era ter que ir ao cemitério à noite? Você aceitaria este desafio? Por quê?

- 6) Você já passou por uma situação assustadora? Era um medo real ou imaginário? Conte aqui a sua história.

HORAS: 04 HORAS

Suporte para o professor:

Se analisarmos profundamente o conto veremos o aspecto verbal: uma narrativa no passado com personagens narrados na 3ª pessoa.

Aspecto sintático: relação a ordem do conhecimento linear, chegando ao clímax, com pontos culminantes como: (susto, aparições ,fenômenos naturais, etc

Aspectos semântico: aparece temas como amor e morte, e também os motivos como manifestação concreta dos temas.

**3 . ATIVIDADE – RECADO DE FANTASMA. (Flavia Muniz,
ilustrado por Rogério Nunes)**

Objetivo

Interpretação do conto através da leitura

Estratégia: será lido primeiramente o conto em sala de aula, em seguida feito interpretação oral e escrita do mesmo.

Carga horária: 08 aulas

Conto - RECADO DE FANTASMA



Imagem 1

Tudo começou quando nos mudamos para aquela casa. Era um antigo sobrado, com uma grande varanda envidraçada e um jardim. Eu me sentia tão feliz em morar num lugar espaçoso como

aquele, que nem dei atenção aos comentários dos vizinhos, com quem fui fazendo amizade. Eles diziam que a casa era mal-assombrada. Alguns afirmavam ouvir alguém cantando por lá às sextas-feiras.

– Deve ser coisa de fantasma! – falavam.

– Se existe, nunca vi! – E então contava a eles que as casas antigas, como aquela, com revestimentos e assoalho de madeira, estalam por causa das mudanças de temperatura. Isso é um fenômeno natural, conforme meu pai havia me explicado. Mas meus amigos não se convenciam facilmente. Apostavam que mais dia menos dia eu levaria o maior susto.

Certa noite, três anos atrás, aconteceu algo impressionante. Meus pais haviam saído e eu fiquei em casa com minha irmã, Beth. Depois do jantar, fui para o quarto montar um quebra-cabeça de 500 peças, desses bem difíceis. Faltava um quarto para a meia-noite. Eu andava à procura de uma peça para terminar a metade do cenário quando senti um ar gelado bem perto de mim. As peças espalhadas pelo chão começaram a tremer. Vi, arrepiado, cinco delas flutuarem e depois se encaixarem bem no lugar certo. Fiquei tão assustado que nem consegui me mexer. Só quando tive a impressão de ouvir passos se afastando é que pude gritar e sair correndo escada abaixo. Minha irmã tentou me acalmar, dizendo que tudo não passava de imaginação, mas eu insisti e implorei que ela viesse até o quarto comigo. Uma segunda surpresa me esperava: o quebra-cabeça estava montado, formando a imagem de uma casa com um jardim bem florido. No entanto, meu jogo formava o cenário de uma guerra espacial, eu tinha certeza!

No dia seguinte, fui até a biblioteca pesquisar o tema. Eu e Beth encontramos dúzias de livros que tratavam de fatos extraordinários e aparições. E a explicação para eventos desse tipo foi a seguinte:

Hoje minha casa tem o jardim mais bonito da rua. Centenas de lindas margaridas brancas florescem a maior parte do ano (para total espanto da vizinhança). O

fantasma? Nunca mais vi. Decerto passeia feliz pelo jardim, nas noites de lua cheia.

RECADO DE FANTASMA. (*Flavia Muniz, Revista especial – Contos para crianças e adolescentes. São Paulo.v1.pag 13. ilustrado por Rogério Nunes*)

Análise do conto:

Uma experiência do mundo é comunicar por qualquer que seja a linguagem: oral, escrita, imagética (pintura, escultura, estática, cinética), “midiática”, enfim a sensibilidade humana é captada através dos sentidos: audição, gustação, olfato, tato e visão.

Questionamentos:

1. No conto o autor explora qual desses sentimentos? Justifique essa resposta?
2. Como é o personagem principal citado no texto?
3. Qual a característica pessoal que você observou no personagem principal?
4. Cite as algumas qualidades de cada personagem ?

EXERCÍCIOS – TEXTO “RECADO DE FANTASMA”

- 1- O início do texto apresenta a descrição do antigo sobrado, escreva as informações que o texto nos indica sobre esse local. Em seguida descreva a mudança do local feita ao final do texto.

2- No texto, não encontramos o nome do personagem principal. Que nome você daria a ele? Por quê? E por que você daria este nome.

3- Quem narra a história? O narrador é em 1ª. ou em 3ª. pessoa? Justifique.

4- Que recursos ele usa para criar suspense, incutir um clima de temor no leitor?

5- Há algum fato que causa maior tensão na história? Qual?

6- Ordene os fatos do texto.

- () O quebra cabeça aparece montado.
- () O personagem muda-se para um antigo sobrado.
- () O personagem monta o quebra-cabeça e as peças começam a tremer. Cinco delas encaixam-se no lugar.
- () O personagem e Beth vão à biblioteca pesquisar.
- () Beth tenta acalmar o personagem.

7- Há uma lacuna no conto esperando que você desvende os fenômenos misteriosos do enredo. Indique as informações dados pelo narrador sobre o fantasma inclusive no desfecho da história.

8- Reescreva o quinto parágrafo do texto como se o narrador fosse:

a) a mãe do personagem principal:

b) a irmã do personagem principal:

9- Por que, no segundo e no terceiro parágrafo, usa-se o travessão? De quem são aquelas vozes?

10- Explique o título do conto. De um título diferente para o conto.

TEMA: Conto O Sapateiro e a força Maligna

3. ATIVIDADE –

Objetivo

Compreender que cada conto tem um contexto o mito sonhos e sobrenatural

Estratégia: Para iniciarmos o trabalho sobre mito e sobrenatural alguns comentários e filmes da atualidade.

Carga horária: 08 horas

Conto

A.P. Tchekhov

Não são os mitos fantásticos? Ainda mais quando recriados, caso do milenar mito de Fausto, transformado em dezenas de obras literárias, de Goethe a Thomas Mann? E o maior contista da modernidade, isto é, a partir do final do século XIX. Tchekhov (1860-1904), também deixou sua versão desse mito milenar e tão atual do homem que vende ou tenta vender a alma ao diabo. Não, claro. Tchekhov não é um autor de literatura fantástica, mas, neste conto específico, sim. E o fez sem se afastar do seu mundo ficcional, que é o de pessoas comuns, em geral pobres, dentro de situações cotidianas, grande universo "pequeno" com o qual ele renovou o conto mundial.

“Partindo de uma revisão ampla e teorizando os gêneros, o autor procura transportar ao âmago do fantástico através de três definições: Primeira ele busca uma ligação dos personagens ao mundo; Segunda busca entre o natural e sobrenatural com uma linguagem inconsciente; Terceira a escolha de vários modos e gêneros da qual o autor vivencia.” Como diz H.P. Lovecraft;

“Um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimenta profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e poderes insólitos”(LOVECRAFT, 1930, P. 16, *apud* TODOROV, 1975, p. 40).

O sapateiro e a força maligna

ERA VÉSPERA DE NATAL. Fazia tempo que Mária roncava sobre o fogão. Todo o querosene queimara-se na lâmpada, mas Fiódor Nilov continuava sentado, trabalhando. Teria deixado há muito o trabalho e saído para a rua, mas o freguês do Beco dos Sinos, que lhe encomendara, duas semanas atrás, uns canos de bota, viera na véspera, discutira e mandara concluir a encomenda, sem falta, ainda antes da Missa do Galo.

— Vida de forçado! — rosnou Fiódor, enquanto trabalhava. — Uns estão dormindo faz muito tempo, outros estão passeando, e você tem que ficar sentado aí, como Caim, cosendo couro, diabo sabe para quem...

Para não adormecer sem querer, tirava a cada momento uma garrafa, que estava sob a mesa, e bebia pelo gargalo; depois de cada gole, balançava a cabeça e dizia alto:

— Por que, digam-me por favor, os fregueses passeiam e eu devo ficar cosendo para eles? Por que eles têm dinheiro e eu sou um mendigo?

Odiava todos os fregueses, especialmente aquele que residia no Beco dos Sinos. Era um senhor de ar sombrio, cabelos compridos, rosto amarelo, de grandes óculos azuis e voz rouquenha. Tinha um sobrenome alemão, difícil de pronunciar. Impossível perceber qual a sua condição social e de que se ocupava. Quando, duas semanas atrás, Fiódor fora a sua casa, para tirar as medidas, encontrara-o sentado no chão, pulverizando algo num gral. Fiódor não tivera tempo de dizer boa-tarde e o conteúdo do gral de repente se incendiou com uma chama vermelha, fulgurante, passando a sentir-se um fedor de enxofre e penas queimadas, enquanto o quarto se enchia de uma fumaça densa e rósea, que fez Fiódor espirrar umas cinco vezes. Voltando para casa, pensou: "Uma pessoa que teme a Deus não se ocupa de coisas assim."

Esvaziada a garrafa. Fiódor colocou as botas sobre a mesa e ficou pensativo. Apoiou a cabeça pesada com o punho e pôs-se a pensar em sua pobreza, em sua vida difícil, miserável, e depois nos ricos, em suas grandes casas, carruagens e notas de cem rublos... Como seria bom, diabo que os carregue, se a essa gente rica se rachassem as casas, morressem os cavalos, desbotassem as peliças e os chapéus de zibelina! Como seria bom, se os ricos se convertessem, pouco a pouco, em mendigos, não tivessem o que comer, e o pobre sapateiro se tornassem um rico, passando ele próprio a mostrar sua valentia contra um pobre sapateiro, numa véspera de Natal.

Devaneando assim. Fiódor lembrou-se, de repente, de seu trabalho e abriu os olhos.

"Que coisa!", pensou, examinando as botas. "Faz muito tempo que terminei os canos de bota e continuo sentado aqui. Tenho que levar a encomenda ao freguês!"

Embrulhou seu trabalho num lenço vermelho, vestiu-se e saiu de casa. Caía neve miúda, áspera, que espetava o rosto como alfinetes. Fazia frio, a noite estava escura, o chão, escorregadio, os lampiões a gás ardiavam palidamente e, sem se saber por quê, a rua cheirava a querosene, de modo que Fiódor pôs-se a pigarrear e tossir. Gente rica passava de carruagem e cada rico tinha nas mãos um pernil de porco e uma garrafinha de vodca.

Mocinhas ricas espiavam para Fiódor das carruagens e dos trenós, mostravam-lhe a língua e gritavam, rindo:

— Mendigo! Mendigo!

Atrás de Fiódor, iam oficiais, estudantes, negociantes e generais, que zombavam dele:

— Beberrão! Beberrão! Sapateiro pagão! Alma perdida! Mendigo!

Tudo aquilo era ofensivo, mas Fiódor permanecia calado, apenas cuspiu.

Quando encontrou, porém, o mestre de sapataria Kuzmá Lebiédkin, de Varsóvia, que lhe disse: "Eu me casei com

mulher rica, tenho agora aprendizes trabalhando para mim, e você é um mendigo que não tem o que comer". Fiódor não se conteve e correu atrás dele. Perseguiu-o até alcançar o Beco dos Sinos. Seu freguês morava na quarta casa a partir da esquina, no último andar. Para ir até seu apartamento, era preciso atravessar um pátio comprido e escuro, depois subir uma escada escorregadia e muito alta, que balançava sob os pés. Quando Fiódor entrou

ali, o freguês estava, tal como duas semanas atrás, sentado no chão, pulverizando algo no gral.

— Vossa Alta Nobreza, eu trouxe as botinhas! — disse Fiódor, carrancudo.

O freguês levantou-se e pôs-se a experimentar, em silêncio, as botas.

Querendo ajudá-lo. Fiódor abaixou-se sobre um dos joelhos e tirou-lhe a bota usada, mas, no mesmo instante, levantou-se de um salto e recuou, horrorizado, para a porta. Em vez de perna, o freguês tinha uma pata de cavalo.

"Aí!", pensou Fiódor. "Nisso é que está a coisa!"

Em primeiro lugar, deveria fazer o sinal-da-cruz, depois deixar tudo e correr para baixo. No mesmo instante, porém, refletiu que era a primeira vez, e provavelmente a última, que encontrava a força maligna e que seria estúpido deixar de aproveitar seus serviços. Dominou-se, por conseguinte, e resolveu tentar a sorte. Colocando as mãos atrás, para não se persignar, tossiu

respeitosamente e começou:

— Dizem que não há coisa pior, nem mais repugnante no mundo que a força maligna, mas eu penso. Vossa Alta Nobreza, que a força maligna é a mais instruída. O diabo, perdoe-me, tem pata de cavalo e rabo, mas, em compensação, é mais inteligente que muito estudante.

— Você me agrada por essas palavras — disse o freguês, lisonjeado. — Obrigado, sapateiro! Mas, que quer você?

Sem perda de tempo, o sapateiro queixou-se de seu destino. Começou dizendo que, desde a infância, invejara os ricos. Sempre lhe doera o fato de que nem todos os homens vivessem em grandes casas e passeassem sobre bons cavalos. Por que, perguntava, era ele pobre? Em que era pior que Kuzmá Lebiédkin, de Varsóvia, que possuía casa própria e cuja mulher usava chapeuzinho? Ele, Fiódor, tinha o mesmo nariz, as mesmas mãos, pernas, cabeça, costas, que os ricos; por que, então, era obrigado a trabalhar, enquanto os demais passeavam? Por que era casado com Mária e não com uma senhora que cheirasse a perfume? Em casa dos fregueses ricos, acontecia-lhe muitas vezes ver moças bonitas, que não reparavam nele sequer, e apenas às vezes riam, murmurando entre si: "Que nariz vermelho tem esse sapateiro!"

Verdade que Mária era uma mulher boa, bondosa, trabalhadeira, mas, realmente, tinha pouca instrução e mão pesada, com a qual sabia machucar de verdade; quando se falava, em presença dela, de política ou de outros assuntos de inteligência, intrometia-se e dizia bobagens tremendas.

— Que é que você quer, então? — interrompeu-o o freguês.

— Peço-lhe. Vossa Alta Nobreza. Diabo Ivânitch, que me faça a bondade de me tornar um homem rico!

— Pois não. Mas, para isso, você tem que me entregar a alma! Enquanto os galos ainda não cantaram, vem cá e assina, nesse papel, que você me entrega a alma.

— Vossa Alta Nobreza! — disse Fiódor com delicadeza. — Quando o senhor me encomendou os canos de bota, eu não lhe pedi pagamento adiantado. É preciso, antes, executar a encomenda e só depois exigir dinheiro.

— Ora, está bem! — concordou o freguês.

Uma chama refulgente surgiu de repente no gral, espalhou-se uma fumaça densa e rósea e sentiu-se no quarto um fedor de penas queimadas e enxofre.

Depois que a fumaça dissipou-se. Fiódor esfregou os olhos e viu que já não era Fiódor, nem sapateiro, mas uma outra pessoa, de colete e correntinha, de calças novas, e que estava sentado numa poltrona, junto a uma grande mesa.

Dois lacaios serviam-lhe comida, com profundas reverências, dizendo:

— Tenha a bondade de comer. Vossa Alta Nobreza!

Que opulência! Os lacaios serviram um grande pedaço de carneiro assado e um prato fundo com pepinos; em seguida, trouxeram ganso assado; um pouco depois, carne cozida de porco e raiz-forte. E como tudo aquilo era nobre, cheio de etiqueta! Fiódor comia e, antes de cada prato, bebia um copázio de excelente vodca, como se fosse um general ou conde. Depois da carne de porco, serviram-lhe *cacha*¹ com gordura de ganso, em seguida, uma omelete com toucinho e fígado frito. Não parava de comer, entusiasmado.

Bem, que mais? Serviram ainda pastelão com cebola, nabo cozido a vapor e kvás². "Como é que os senhores não estouram com uma comida dessas?", pensou. Por fim, serviram-lhe um grande pote de mel. Depois do jantar, apareceu o diabo de óculos azuis e perguntou-lhe, com profunda reverência:

— Está satisfeito com o jantar. Fiódor Pantieléitch?

Mas Fiódor não conseguia dizer palavra, tão agoniado sentia-se depois do jantar. Aquela fartura era desagradável, pesada, e, para se distrair, começou a examinar a bota de sua perna esquerda.

— Por botas assim, eu não cobrava menos de sete rublos e meio. Quem foi que as fez? — perguntou.

— Kuzmá Lebiédkin — respondeu o laçao.

— Chame aquele imbecil!

Pouco depois, chegava Kuzmá Lebiédkin, de Varsóvia. Parou à porta, em atitude respeitosa, e perguntou:

— O que manda. Vossa Alta Nobreza?

— Cale-se! — gritou Fiódor e bateu o pé. — Não se atreva a falar e lembre-se de sua condição de sapateiro, não se esqueça que tipo de pessoa você é! Idiota! Não sabe fazer botas! Vou te dar em cheio, na cara! O que vem fazer aqui?

— Vim buscar dinheiro.

— Que dinheiro? Fora daqui! Volte no sábado! Homem, dá-lhe um pescoção!

Mas, no mesmo instante, lembrou-se de como ele próprio fora tratado sem consideração pelos fregueses, sentiu o coração oprimido e, para se distrair, tirou do bolso a gorda carteira e pôs-se a contar o dinheiro. Havia muito, mas Fiódor queria mais ainda. O diabo de óculos azuis trouxe-lhe outra carteira, mais gorda até, mas ele queria sempre mais, e quanto mais contava, menos satisfeito se sentia.

Ao anoitecer, o maligno trouxe a sua presença uma patroa alta, peituda, de vestido vermelho, e disse-lhe que era sua nova esposa. Até tarde da noite, ficou beijando-a e comendo pão-de-ló. Depois, deitado sobre colchão macio de penas, virava-se de um lado para outro, não conseguindo adormecer. Vinha-lhe uma sensação de medo.

— Tenho muito dinheiro — dizia à mulher. — Olha que os ladrões são capazes de entrar aqui em casa. Seria bom você ir espiar por aí, com uma vela!

Não dormiu a noite toda, levantando-se a cada momento, para verificar se o baú estava intacto. De manhãzinha, era preciso ir à missa. Na igreja, honrasse do mesmo modo o rico e o pobre. Quando Fiódor era pobre, rezava na igreja assim: "Perdoa, Senhor, a este pecador!" O mesmo dizia agora, depois de enriquecer. Qual era a diferença então? E, depois da morte, o rico Fiódor não seria enterrado em ouro, nem em diamantes, mas na mesma terra negra em que se enterrava o último dos mendigos. Iria arder no mesmo fogo que os sapateiros. Sentia-se despeitado por tudo aquilo e, ao mesmo tempo, tinha um peso em todo o corpo, em

conseqüência do jantar; em lugar da oração, esgueiravam-se, para dentro de sua cabeça, pensamentos sobre o baú de dinheiro, os ladrões, e sobre a alma que vendera, irremediavelmente perdida.

Saiu da igreja zangado. Para expulsar os pensamentos maus, entoou, como fazia antes, uma canção a plenos pulmões. Mas, apenas começara, acercou-se dele um policial e disse-lhe com uma continência:

— Senhor, os cavalheiros não podem cantar na rua! O senhor não é um sapateiro!

Fiódor encostou os ombros a um muro e pôs-se a pensar no que faria para se distrair.

— Senhor! — gritou-lhe o zelador de uma casa. — Não se apóie muito no muro, vai sujar a peliça!

Fiódor entrou numa venda e comprou a melhor gaita-de-boca, depois foi andando pela rua, tocando. Todos os transeuntes apontavam-no com o dedo, rindo.

— E é um senhor! — zombavam dele os cocheiros. — Parece um sapateiro...

— Pensa que os cavalheiros podem fazer baderna? — disse-lhe o policial.

— Só falta ir a um botequim!

— Senhor, uma esmolinha pelo amor de Deus! — imploravam os mendigos, cercando Fiódor por todos os lados. — Uma esmolinha!

Antes, quando era sapateiro, os mendigos não lhe davam atenção, mas agora não o deixavam passar.

Em casa, foi recebido pela nova mulher, vestida de casaquinho verde e saia vermelha. Quis acariciá-la e já levantara o braço para um safanão nas costas, quando ela disse, zangada:

— Mujique! Ignorante! Não sabe lidar com senhoras! Se gosta de mim, beije-me a mão, mas não vou permitir que me bata.

"Vida de excomungados!", pensou Fiódor. "Como vive essa gente! Não se pode cantar, nem tocar gaita; nem brincar com uma mulher... Irra!"

Apenas se sentara com a patroa para tomar chá, apareceu o maligno de óculos azuis e disse:

— Bem. Fiódor Pantieléitch, eu cumpri fielmente a minha parte. Agora, o senhor vai assinar um papelzinho e fazer o favor de me acompanhar. Já teve ocasião de saber o que significa a vida de rico, chega!

E arrastou Fiódor para o inferno, diretamente para a fogueira, e os diabos acorreram de todas as partes, gritando:

— Bobalhão! Imbecil! Burro!

No inferno, havia um fedor horrível de querosene, podia-se sufocar.

Mas, de repente, tudo desapareceu. Fiódor abriu os olhos e viu sua mesa, as botas, a lamparina de latão. O vidro da lamparina estava preto e a pequena chama, que havia sobre o pavio, emitia, como uma chaminé, fumaça fedorenta. Ao lado, estava o freguês de óculos azuis, gritando zangado:

— Bobalhão! Imbecil! Burro! Vou te ensinar uma coisa, trapaceiro! Tomou a encomenda duas semanas atrás e as botas ainda não estão prontas! Pensa que tenho tempo de vir a tua casa cinco vezes por dia, para buscar as botas? Canalha! Animal!

Fiódor sacudiu a cabeça e pôs-se a trabalhar nas botas. O freguês ficou ainda muito tempo dizendo improperios, ameaçando-o. Depois que ele, finalmente, se acalmou. Fiódor perguntou-lhe, carrancudo:

— Com o que se ocupa, patrão?

— Fabrico rojões e fogos de bengala. Sou pirotécnico.

Tocaram as matinas. Fiódor entregou as botas, recebeu o dinheiro e foi à igreja.

Rua acima e abaixo, passavam carruagens e trenós com mantas de pele de urso. Pela calçada, ao lado da gente do povo, caminhavam comerciantes, senhoras, oficiais... Mas Fiódor não sentia já inveja e não maldizia mais a sorte. Pareceu-lhe que ricos e pobres viviam igualmente mal. Uns tinham a possibilidade de andar de carruagem, outros, de cantar a plenos pulmões e tocar gaita, mas, em suma, esperava a todos o mesmo túmulo e nada existia na vida que merecesse a pena de entregar ao maligno a menor partícula sequer da alma.

Tradução de Boris Schnaiderman

Atividades com contos O SAPATEIRO E A FORÇA MALIGNA

1- Professor distribui o conto, O SAPATEIRO E A FORÇA MALIGNA para os alunos fazer uma silenciosa do mesmo.

2- Após a leitura, o professor faz um breve comentário oral sobre o conto.

3- Interpretação escrita do conto.

1- Quem são os personagens principais da história? Descreva-os mesmos.

2- Onde se passa a história contada? (tempo, lugar,)

3- Descreva o lugar.

4- Imagine que você fosse Fiódor o que faria?

5- A profissão de Fiódor, era sapateiro, será que hoje ainda existe esta profissão? Justifique. E você já pensou qual profissão seguir? Por quê?

6- Circule no conto as palavras desconhecidas, e procure-as no dicionário o seu significado.

7- Crie um desfecho diferente para o conto. (se os alunos apresentarem dificuldade, o professor os auxilia).

8- Quem narra a história? O narrador é em 1ª ou em 3ª. pessoa? Justifique.

9- A vida de quem é narrada?

10-Escreva um conto sobre: Fantasma; medo; fantástico; sonho; amor.

Questionamentos sugeridos para interpretação do conto:

- 1) Se você tivesse um conto para ser lido, você diria que esse texto se refere a que estilo literário?
- 2) Você seria capaz de reconhecer a relação existente entre o narrador e os personagens explícitas em um conto ?
- 3) A história argumentada o narrador relata de forma breve, sintetizada ou a sua de forma de escrever é extensa e pormenorizada?

ATENA E ARACNE DESCONHEÇO O AUTOR MITOS DA GRECIA E ROMA MITOLOGIA E FOLCLORE

Atena foi desafiada por Aracne, uma presunçosa mortal, numa competição de destreza sobre a tecelagem de uma tapeçaria. Ambas trabalharam com rapidez e habilidade. Quando as tapeçarias ficaram terminadas, Atena admirou o trabalho impecável de sua competidora, mas ficou furiosa porque Aracne ousou ilustrar as desilusões amorosas de Zeus.

Na tapeçaria, Leda estava acariciando um cisne, animal em que Zeus se transformara para poder entrar no dormitório da rainha casada e fazer-lhe a corte.

Um outro painel era de Dânae, a quem Zeus fecundou na forma de um chuvisco dourado; um terceiro painel representava a donzela Europa, raptada por Zeus disfarçado na forma de um majestoso touro branco.

O tema de sua tapeçaria era a ruína de Aracne, Atena ficou tão enraivecida que rasgou em pedaços o trabalho e induziu Aracne a se enforcar.

Depois, sentindo pena, Atena deixou Aracne viver, e transformou-a em aranha, condenada para sempre a tecer. Observe-se que Atena, muitíssimo defensora de seu pai, a puniu por tornar público o comportamento velhaco e ilícito de Zeus mais do que pelo desaforo do próprio desafio.

Atena, conforme consta nos arquivos mitológicos, nem conheceu homem nem se preocupou por nenhum deles, fosse mortal, semi-divino ou plenamente entronado no Olimpo. Mas a deusa-irmã também foi a sagrada inventora da maior parte das coisas e dos ofícios úteis para a humanidade que nela confiava. Entre as suas invenções está a fiação e o tecido e, nessas questões, os seus ciúmes profissionais eram tão fortes como os de uma mulher apaixonada no amor.

Pois bem, há um momento na crônica de Atena em que surge a paixão e a divina dama perde o controle dos seus temperados nervos de aço. O caso foi que Aracne, princesa de Lídia, que era uma hábil e primorosa donzela com o tear, elaborou uma tela maravilhosa, que teria que ser a sua última obra.

Atena teve nas suas mãos o pano de Aracne e, à medida que o examinava, crescia a sua irritação, porque o pano da princesa era mais belo do que nenhum que tivesse visto, tão perfeito como se tivesse

sido obra dos poderes celestiais. Aquela demonstração de perfeição e arte era demasiada humilhação para a deusa. Perante o delicado desenho de um Olimpo cheio de quadros plenos de colorido e intenção, em que se descreviam as mais românticas cenas dos povoadores de tão ilustre morada, Atena não soube senão que não devia: destroçar o pano até reduzi-lo a farrapos.

Aracne, dolorida ou aterrorizada pela crueldade da sua rival têxtil, suicidou-se, enforcando-se no teto.

A vingança de Atena não terminou com a sua morte e a deusa satisfez-se até o infinito, fazendo com que, a partir desse momento, a pobre Aracne passasse a ser uma aranha, com a sua corda de morte transformada em fio salvador que lhe permitiu desandar o caminho da morte até voltar à vida, embora (isso sim) já convertida num inseto pouco engraçado e ainda menos apreciado.

“O mito enfatiza o ser humano e desenvolve uma semelhança muito grande na sua criação e acaba buscando uma exploração sentimental e cruel, na qual podemos associar na íntegra a terapia cognitiva, busca-se sempre nos contos e lendas e mitos de uma cultura popular. E ainda nas narrativas fantásticas das quais foram transmitidas de geração em geração, que falam dos personagens que passa a ser catalogada e feita pela imaginação humana”

O pensamento mítico teve início na Grécia, do séc. XXI ao VI a.C. e nasceu do desejo de dominação do mundo, para afugentar o medo e a insegurança. A verdade do Mito não obedece à lógica nem da verdade baseada na experiência, nem da verdade científica.

Tradicionalmente, a criação de mitos e lendas, olha para o passado para tentar fazer com que o presente tenha sentido. Ao invés disso, alguns mitos modernos olham para o futuro. Os contadores de histórias fazem uso de muitas invenções dos últimos séculos para tentar dar pistas de como a Terra será daqui há centenas de anos, ou para imaginar a vida daqui há bilhões de anos-luz no espaço ou no futuro distante.

O mito recuperado do cotidiano do homem contemporâneo, não se apresenta com o alcance que se fazia sentir no homem primitivo. Os mitos modernos não envolvem mais a totalidade do real como ocorria nos mitos gregos, romanos ou indígenas. Podemos escolher um mito da sensualidade, outro da maternidade, sem que tenham de ser coerentes entre si.

1. A partir da leitura do texto, discuta o significado de mito.
2. O mito tem alguma importância nos dias de hoje?
3. O que eles têm a ver com nossas vidas?

ATIVIDADES SUGERIDAS PELO PROFESSOR APÓS LEITURA DE TODOS OS CONTOS

OBJETIVOS: Reconhecer os diversos tipos de contos.

ESTRATÉGIAS:

- APRESENTAÇÃO DOS TEXTOS.
- LEITURAS DE TEXTOS DE DIFERENTES AUTORES
- DIFERENTES ESTILOS LITERÁRIOS COMO:
CRÓNICA, ROMANCE, POESIA, HUMOR, ETC

CARGA HORARIA : 4 HORAS

O CONTO INTRODUIRÁ O ESTUDO AO GÊNERO
QUE DESENVOLVEREMOS NA SALA DE AULA.
VÁRIOS ASPECTOS SERÃO TRABALHADOS COMO:

AS EMOÇÕES QUE O CONTO DESPERTA NO LEITOR;

A ADEQUAÇÃO DO TÍTULO À HISTÓRIA;

AS CARACTERÍSTICAS DADAS AO LUGAR, BEM
COMO ÀS PERSONAGENS;

IMPORTÂNCIA DESSAS CARACTERÍSTICAS PARA
O DESENVOLVIMENTO DO CONTO;

SIGNIFICADO DE EXPRESSÕES COMO, POR
EXEMPLO, "O SILÊNCIO ERA PROFUNDO";

AS CARACTERÍSTICAS DO CONTO COMO: TIPO
DE NARRATIVA, DESCRIÇÃO DE PERSONAGENS,
CONFLITO (CLÍMAX) E DESFECHO.

ESCREVA UM CONTO SOBRE AQUILO QUE VOCÊ
APRENDEU, PODE ESCOLHER SOBRENATURAL, MITO, OU
FANTASTICO.

REFERÊNCIAS

DIRETRIZES CURRICULARES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO MÉDIO (2008). (DCES) PAG 71.

História do Folclore Brasileiro, Lá vem História outra vez. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997, p. 66-67

MUNIZ, Flávia. **Contos para crianças e adolescentes**. Revista Especial. V1, pag 13, ilustrado por Rogério Nunes, São Paulo.

Site: <http://contoselendas.blogspot.com/2005/08/atena-e-aracne.html>
Tradução de Boris Schnaiderman

Imagem 1: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/conto-recado-fantasma-flavia-muniz-541547.shtml>
Site: <http://contoselendas.blogspot.com/2005/08/atena-e-aracne.html>